

***I am the future of drag:
A drag mal interpretada em RuPaul's Drag Race***

***I am the future of drag:
The misunderstood drag in RuPaul's Drag Race***

Jackson JACQUES¹
Maria Luiza CARVALHO²

Resumo

A partir da análise dos estilos de *drag queen* apresentados em *RuPaul's Drag Race*, concebemos o conceito de *drag mal interpretada*, a fim de analisar o desenvolvimento da *drag* subversiva no reality show. Baseando-nos no histórico de cinco participantes de diferentes temporadas, que atribuímos à categoria devido ao encaixe de suas características, buscamos analisar a construção de identidade da *drag mal interpretada*, além das práticas de discurso e o posicionamento pessoal das mesmas dentro da competição. Por fim, objetivamos entender a aceitação da categoria ao longo das edições do programa e a configuração de uma possível nova tendência a partir da ressignificação do termo de uma ganhadora a outra.

Palavras-chave: *RuPaul's Drag Race*. *Drag queen*. *Drag mal interpretada*. Futuro da *drag*. *Queer*

Abstract

From the analysis of the drag queen styles presented in *RuPaul's Drag Race*, we conceived the concept of misunderstood drag, intending to analyse the development of the subversive drag in the reality show. Based on the historic of five contestants from different seasons, which we assigned to the category due to the fit of their characteristics, we seek to analyse the construction of identity of the misunderstood drag, besides their practices of speech and their personal positioning inside the competition. Ultimately, we aim to understand the acceptance of the category throughout the seasons of the show and the configuration of possibly a new tendency from the redetermination of the term, from on winner to another.

Keywords: *RuPaul's Drag Race*. *Drag queen*. *Misunderstood drag queen*. Future of *drag*. *Queer*.

¹ Graduando em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: acad.jackson@gmail.com

² Graduado em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: aboutluiza@gmail.com

Introdução

RuPaul's Drag Race é um *reality show* de competição norte-americano, criado em 2009 e produzido pela World of Wonder, que põe à prova os múltiplos talentos de *drags* aspirantes ao título de “*America's Next Drag Superstar*”³. Apresentado por RuPaul⁴, ícone *drag* dos anos 90, conhecida pelos trabalhos de modelo, cantora e apresentadora, o programa mescla técnicas de documentário, tais como “gravação *fly on the wall*, depoimentos em forma de conversa e narração com voz over” (Price, 2010 *apud* Simmons, 2014, *tradução nossa*) junto a provas e desafios de costura, atuação, canto, etc., a fim de fazer com que as *drags* mostrem seu “carisma, singularidade, ousadia e talento”⁵.

Uma pitada de cenas de transformações que empregam fantasias coloridas e maquiagem pesada, desafios competitivos que colocam as concorrentes umas contra as outras, e estrelas como convidados especiais são uma combinação para formar, à primeira vista, qualquer outro *reality show* disponível na televisão à cabo. (...) Mas, por se tratar de um *reality* não tradicional, de uma emissora voltada ao público LGBTQ [a LOGO TV, inicialmente], parece pouco provável que a audiência esbarre com ele enquanto troca de canais. (Edgar, 2011, *tradução nossa*)

Neste artigo entendemos como *drag queen* um “homem [não necessariamente gay] que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos” (ABGLT, 2015), ou seja, um movimento artístico que pode ser feito de formas diversas e que traz características ligadas diretamente ao *camp*⁶, além de aspectos culturais associados diretamente a nacionalidade da *drag*, tal como a batida de cabelo, uma marca assumida das *drags*

³ É perceptível a paródia em cima do *reality show* de sucesso *America's Next Top Model*, formato de sucesso apresentado por Tyra Banks, que busca encontrar a próxima supermodelo americana; algo semelhante ao ocorrido em RPDR, exceto por trazer “homens de peruca e vestido” no lugar de modelos.

⁴ RuPaul Andre Charles manteve seu primeiro nome enquanto nome de *drag*. Aqui apenas levamos em consideração sua persona *drag queen*, por isso o uso do tratamento no feminino.

⁵ “*Charisma, uniqueness, nerve and talent*” é um dos bordões constantemente repetidos por RuPaul, sendo considerado como os atributos necessários à ganhadora da competição.

⁶ Estilo que opta pelo exagero, comumente associado à comunidade LGBTQ - mas não exclusivamente; “é a arte que se propõe seriamente, mas não pode ser levada totalmente a sério porque é ‘demais’” (Sontag, 1987)

brasileiras, por exemplo. "*Drag* é subversivo na medida em que reflete sobre a estrutura imitativa pela qual o gênero hegemônico é produzido e questiona a reivindicação da heterossexualidade sobre a naturalidade e originalidade" (Butler, 1993 *apud* Edgar, 2011, *tradução nossa*).

Dentro da narrativa do *reality show*, somos apresentados a uma diversidade de estilos de *drag* que acaba se mostrando restrita quando aprofundamos a pesquisa em torno do movimento *drag*. Para chegarmos ao ideal de "*drag* mal interpretada", que buscamos trabalhar neste artigo, mapeamos esses estilos apresentados no show ao longo das suas temporadas - até a atualidade, 9 temporadas, além das 2 edições *All-Stars*, onde ex-participantes ganham uma nova chance de serem a próxima ganhadora -, a fim de entender suas características mais fortes e, a partir disso, modelarmos o conceito com o qual trabalharemos nesta análise.

Os estilos observados foram: i) *fishy*, a *drag queen* mais polida e preocupada com a performance de feminilidade, comumente idealizada enquanto o objetivo a ser alcançado, a "ilusão completa"; ii) *impersonator*, que são as que se dedicam à imitação de outras celebridades, principalmente grandes divas pop; iii) *low-camp* ou *clown*, traz a essência do movimento *camp*, sendo destinado à comédia, mesclado com o "mau gosto" *kitsch*⁷, sem preocupação com padrões de beleza e que, muitas vezes, utilizam da própria estética em função da graça; iv) *high-camp* ou *broadway*, seguem a linha do jocosos, mas com a preocupação estética, normalmente se reconhece como *camp*, o que por vezes torna menos interessante sua persona; v) *pageant queen*, aquelas que costumam participar de concursos de beleza, com estética exagerada e pomposa, tradicionalmente marcada na série por grandes cabelos armados e uma maquiagem tradicional; vi) *club kids*, de estilo voltado ao grande boom da cena *drag* nos anos 80 e 90; vii) *showgirl*, relacionado às *drags* que costumam ter bom desempenho em performances, com facilidade no *lipsync* e/ou *espacate*; viii) e, por fim, *high fashion*, seguindo o padrão de beleza das tradicionais modelos e estética de alta costura. Entendemos, após esse levantamento, as *drags* mal interpretadas, tal como propomos,

⁷ De acordo com a Enciclopédia Itaú Cultural, o termo é utilizado "para designar o mau gosto artístico e produções consideradas de qualidade inferior". Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3798/kitsch>>. Acesso em 24 de setembro de 2017.

enquanto uma categoria de *drags* que trazem o *camp* para o lado andrógino⁸ do termo (Sontag, 1987), com estilo artístico mais ousado, além de focar na performance conceitual enquanto principal definidor da sua personagem.

Por haver uma grande quantidade de formas de se fazer *drag* - inclusive além dessas apresentadas no programa, até agora -, e o programa se tratar de uma competição, é normal que cada participante ache que o seu estilo é melhor do que o das outras. Sobre as *drag queens* mal interpretadas, elas sentem orgulho em fazer algo diferente, em se destacar além da normatividade disseminada pelo programa sobre a arte de fazer *drag*, e acreditam que, assim como no passado os homens que se travestiam eram criticados e hoje são aclamados e reconhecidos pelo seu trabalho, as *drag queens* diferentes do padrão serão bem reconhecidas pela sua arte, por isso o discurso de “eu sou o futuro das *drags*”.

“No T, no shade”⁹: o discurso enquanto base de persona

Embora o programa seja bastante inclusivo no quesito participantes - pois em todas as temporadas houve a presença de competidoras de diferentes estilos, formas físicas, e etnias -, por ser um reality de competição, existem parâmetros de julgamento, que aqui se tornam um problema na lógica do discurso, uma vez que beneficiam um mesmo tipo de *drag*, sem fazer valer a diversidade a inclusão. Como apontado anteriormente, uma das premissas do programa, que é mencionada em todos os episódios é que as participantes devem mostrar seu “carisma, singularidade, ousadia e talento”, porém, sempre seguindo um molde esperado pelos jurados e pela própria RuPaul. Quando uma participante demonstra sua singularidade e ousadia em um estilo próprio que fuja do senso comum de esteticamente bonito, ela é duramente criticada pelos jurados, e especialmente pelas outras competidoras. Ou seja, o discurso acaba sendo corrompido pela lógica polida do programa, de esperar que os visuais sejam feitos dentro de um molde normatizado, e por isso, poucas participantes que fazem um estilo próprio de *drag* chegaram longe na competição (Castellano e Machado, 2017).

⁸ Segundo o Dicionário Aurélio, “que apresenta características sexuais ambíguas”.

⁹ Bordão falado por RuPaul durante o *reality show*. Em tradução livre, “sem fofoca, sem veneno”.

RuPaul's Drag Race oferece uma perspectiva limitada da cultura *drag*, pois as *queens* enfrentam múltiplas críticas que as direcionam a serem mais femininas e menos andrógenas. (...) isso faz com que o reality perpetue determinadas normas de gênero através de performances *drags* mais normativas que subversivas. (Edgar, 2011 *apud* Castellano e Machado, 2017)

Através de um exame atento, vemos que as *queens* de *Drag Race*, enquanto aparecem distintas umas das outras, são eliminadas ou normalizadas através de discursos de beleza natural e representações estereotipadas da feminilidade. (Edgar, 2011, *tradução nossa*)

Em *Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio* (2009), Becker afirma que em qualquer sociedade existem regras que são fundamentalmente impostas, seja por força de lei, consenso ou tradição, e espera-se que essas regras sejam cumpridas por todos, porém, a partir do momento no qual um indivíduo - ou grupo de indivíduos - não as cumpre, ele é considerado um desviante ou *outsider* (Becker, 2009). Podemos definir as *drags* mal interpretadas como desviantes por serem indivíduos que fogem a um padrão preestabelecido pelo programa de beleza e polidez, mesmo sendo inseridas dentro de um grupo social amplo, que é a cena *drag* diversa e plural que participa do *reality*. Quando as *drags* mal interpretadas mostram a visão mais conceitual de seu estilo, tentando se manterem fiéis aos seus ideais de estética e apresentação, recebem críticas não apenas dos jurados - como já mencionamos -, mas especialmente das outras participantes, que muitas vezes não consideram o estilo dessas *drags* como algo digno de estar no programa. Isso se dá pois é possível existir discordâncias dentro de um grupo entre facções que o compõe, além de manobras para tentativa de definir sua concepção do grupo como melhor aceita pelos outros (Becker, 2009). Por existirem diversos estilos de *drag*, cada participante tem inclinação a achar seu estilo mais digno que os outros, mas em geral há uma espécie de consenso na qual diferentes *queens* concordam que as *drags* mal interpretadas são muitas vezes “indignas” de estarem ali, por não acharem esse estilo conceitual e diferente como algo significativo para representar a cultura *drag* com o título de “*America's Next Drag Superstar*”, o que é a causa de grandes discussões no programa.

Além de reconhecer que o desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, devemos também ter em mente que

as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade (Becker, 2009).

Segundo Price (2010), a *reality TV* é definida por um lugar de construção, mudança e/ou imposição de uma ou mais mensagens sobre a audiência (*apud* Simmons, 2014). Sendo assim, o reforço do pensamento normatizado e singular a respeito da necessidade de demonstração de feminilidade dentro de um programa que, à primeira vista, se pretende enquanto produção *queer* plural destinado a todos os públicos, de forma a publicizar uma parte específica do universo LGBTQ através do “drama, do humor, do interesse humano e das personas” (Price, 2010 *apud* Simmons, 2014) ali representadas, quebra o discurso inclusivo de RPDR, uma vez que se percebe uma clara negação aos estilos contrários à prática tida dentro do aceitável e do buscado por RuPaul e seus jurados.

Ser *fishy* é outra maneira de dizer “como uma garota”. Isso é valorizado entre os membros do grupo [as participantes] e percebido como uma qualidade que se deve possuir para se tornar a próxima Superestrela *Drag* da América. (...) As *queens* reforçam a premissa de rejeitar a masculinidade, confrontando outras quando elas ultrapassam a já contextualizada “caixa do feminino”. Elas apontam erros de suas “irmãs”, fazendo com que a norma cultural de que *drag queens* devam convencer plenamente enquanto mulheres, seja reforçada. (Simmons, 2014, *tradução nossa*)

Philipsen (1975) declara que “o lugar do discurso na comunicação e na vida social é fundamental para análises porque provê o espaço para que cada pesquisa seja capaz de descobrir onde e quando o discurso é utilizado e para qual motivo” (*apud* Simmons, 2014, *tradução nossa*). Isso nos mostra a importância da busca pela coesão no discurso das *drags* mal interpretadas aqui escolhidas enquanto objeto de estudo. Para nós, o comprometimento com o discurso de estranheza e destaque pela diferença é de extrema importância, pois acreditamos que apenas a crença na auto divergência consegue creditar à *drag* o *ethos* de mal interpretada - e, como veremos à frente, de injustiçada dentro da competição.

“Bring back my girls”¹⁰: objetos de análise em foco

Para este artigo, analisaremos cinco competidoras, de diferentes temporadas, que se encaixam na categoria de *drag* mal interpretada por se manterem fiéis à sua estética conceitual mesmo recebendo críticas quanto a isso: Sharon Needles, da quarta temporada; Milk, da sexta temporada; Max, da sétima temporada; Acid Betty, da oitava temporada, e Sasha Velour, da nona temporada. Todas elas foram participantes que mantiveram uma estética conceitual forte, que causou uma estranheza e até certa rejeição delas por parte de outras competidoras, dos jurados e até mesmo do público, em certo ponto.

Resolvemos escolher participantes a partir da quarta temporada, tendo como marco zero o discurso levantado por Sharon Needles em uma de suas muitas discussões com Phi Phi O’hara - uma *showgirl* -, que tinha muita dificuldade em aceitar o estilo de Sharon como válido. Nessa discussão, Sharon afirmou que o que ela fazia era inovador, ao contrário das performances e *looks* de Phi Phi, e proferiu a frase que intitula nosso artigo: “*I am the future of drag*”.

Sharon causou uma forte impressão desde sua primeira aparição, entrando na *workroom*¹¹, causando estranhamento nas outras competidoras - Chad Michaels afirmou que sua primeira impressão de Sharon foi “que louca!”, após sua entrada - recebendo até olhares tortos de algumas.

Uma criatura pálida, lânguida, com fendas nos dentes, usando uma peruca ônix estilo Verônica Lake com um chapéu de bruxa, um vestido de coquetel curto e preto, além de longas luvas pretas. Um batom preto cremoso alinhava a boca e suas lentes de contato eram brancas alvejantes, fazendo um semblante bem mal-humorado (...), a visão dela era inquietante. (Goodman, 2012, *tradução nossa*).

¹⁰ Frase dita por RuPaul após a deliberação dos jurados a respeito de quem compõe o *lipsync* da semana. Em tradução livre, “tragam de volta as minhas meninas”.

¹¹ Sala de trabalho, em tradução livre, é o local na qual as competidoras realizam os desafios cujos resultados são posteriormente exibidos aos jurados na passarela, também é o local no qual a maior parte do show se passa.

Logo no primeiro desafio, cujo tema era “moda pós-apocalíptica”, ela fez seu desfile em uma combinação de roupa e maquiagem dignas de filme de terror, e completou sua performance fazendo sangue falso escorrer de sua boca na passarela. Isso causou sua vitória neste desafio, e ela seguiu impressionando em seus *looks* nos desfiles e desafios seguintes, buscando colocar sempre a sua marca neles, fossem suas lentes de contato brancas, a maquiagem pesada, e até mesmo elementos artísticos - como transformar seu braço em uma serpente para completar um conceito em sua fantasia ou entrar na passarela com uma seringa simulando aplicação de colágeno nos lábios - chegando até a final e sendo coroada vencedora.

Apesar de ter sido campeã, a trajetória de Sharon no programa não foi tranquila. Ela enfrentava criticismo constante dos jurados, que sempre pediam para que ela mostrasse que era mais do que apenas uma “*spooky queen*” (rainha assustadora, tradução livre), que ela poderia ser completamente glamurosa e feminina; assim como das outras competidoras, especialmente Phi Phi O’Hara, que não acreditava que Sharon estava “no mesmo nível” que ela, e chegou a dizer para que ela “retornasse à *Party City*¹², pois era o seu lugar”. “Elas podem pensar o que quiserem (...) existe milhões de tipos de *drag*, não é só ser uma garota *fishy* irritante”. (Needles, 2012).

Na sexta temporada tivemos Milk, uma das *drags* que tanto o público, quanto as outras participantes e jurados tiveram mais dificuldade em compreender. Em sua primeira aparição na *workroom*, ela usava uma roupa que misturava diversos elementos aparentemente desconexos - um casaco de toureiro, um chapéu estilo clássico e enormes sandálias de salto ornamentada com flores e um pedaço de papel higiênico preso que arrastava no chão - e uma maquiagem que incluía lábios enormes, até mesmo para uma *drag queen*, e uma falha pintada entre seus dentes. A primeira opinião que temos a respeito dela é a de Trinity K. Bonet, que afirma que Milk “parecia que havia fugido do circo”. No primeiro desafio, que consistia em criar *looks* baseados em festas e comemorações, Milk entrou na passarela com seu *look* - festa da toga - e uma barba falsa colada em seu queixo. Enquanto elas se prepararam, várias competidoras criticaram Milk por sua escolha, categoricamente afirmando que o propósito de ser *drag* é eliminar aspectos masculinos e enaltecer a questão do feminino, e após o desfile,

¹² *Party City* é uma famosa empresa de venda de fantasias e acessórios para festas.

quando questionada pela jurada Michelle Visage se ela achava que aquilo seria algo que representaria quem ela é, Milk respondeu que sim, pois ela tem um estilo muito peculiar e sabe que nunca se encaixaria com as *drags* glamurosas, então por que não se sobressair e fazer algo diferente? “Enquanto as outras garotas fazem glamour, beleza ou ilusão, Milk vai direto para o estranho, pintando lábios gigantes, fendas nos dentes e altos conceitos” (Julian, 2014)

Milk continuou causando debates em todos os desafios e desfiles seguintes, vestindo-se de Pinóquio - com direito a nariz falso - no desfile temático de “*Your Best Drag*”; utilizando uma barriga falsa de grávida juntamente com uma combinação peculiar de roupas e sapatos, além da maquiagem exagerada e a falha nos dentes quando o tema foi “*Tony Awards*”; e, no ápice de sua dita “estranheza”, no desfile cujo tema era “*Night of a Thousand Rupaul’s*”, no qual todas deveriam recriar algum *look* icônico de RuPaul e ela entrou na passarela vestindo terno, gravata, sapatos masculinos e até uma careca falsa, representando RuPaul fora de sua *drag* persona. Em todos os episódios, Milk era criticada pelas competidoras, que não aceitavam bem o fato de outras *queens* estarem indo para casa, mesmo se esforçando para fazer o que era pedido no desafio, enquanto Milk parecia não levar a competição a sério e só realizava *looks* controversos e estranhos. Quando, após muita insistência do painel de jurados, no sexto episódio da temporada Milk tentou fazer o que lhe foi pedido - mostrar algo menos caricato, mais voltado para o lado do glamour - e produziu um *look* mais simples, ela foi eliminada da competição.

Na sétima temporada tivemos Max, uma *queen* que admira bastante o glamour clássico de Hollywood, e entrou na *workroom* segurando um jornal antigo, vestindo uma combinação de *tailleur*, luvas e uma variação de chapéu, que juntamente com seu cabelo cinza, fez as outras competidoras a olharem de forma estranha. Uma delas, Ginger Minj, inclusive afirmou que “sim, este é um concurso para uma rainha, mas não da Inglaterra”, usando uma conotação de zombaria ao estilo de Max, insinuando que era retrô ou clássico demais para uma *drag queen*. No primeiro desfile, cujo tema era “*Nude Illusion*”, Max entrou na passarela usando muletas como apoio, fazendo uma performance e não apenas exibindo o resultado de sua ilusão de nudez.

Nos desafios seguintes, ela manteve a estética de *looks* mais retrôs, usando sempre sua marca registrada: perucas curtas e de cabelos cinzas. No quarto episódio, Michelle Visage a desafiou a mostrar um próximo *look* sem o cabelo cinza, pois versatilidade é essencial, e ela ainda não havia mostrado outra cor/tamanho de peruca. Max persistiu com sua marca e, no episódio 8, a primeira coisa que Michelle lhe disse foi que a única coisa que ela havia lhe pedido era para não usar o cabelo cinza, e lá estava Max, novamente com o cabelo cinza, e isso a estaria deixando impaciente. Por outro lado, Ross Matthews, outro jurado do programa, afirmou que não se importava com o cabelo pois entendia que era a marca registrada dela. No episódio seguinte, Max usou uma peruca preta, que causou elogios por parte de Michelle Visage, e criticismo por parte de Ross Matthews, que disse que Max estava muito “básica”. Este foi o episódio de sua eliminação, pois a combinação de seu *look* com seu desempenho no desafio não foi suficiente para mantê-la salva da eliminação.

Na oitava temporada, Acid Betty já fez todas as que estavam presentes na *workroom* pararem para observar sua entrada. Com saltos extremamente altos, *leggings* estampadas, um vestido metade azul, metade roxo, cabelos ajustados em um grande moicano estruturado e uma máscara cromada cobrindo seu rosto maquiado com cores fortes e chamativas, ela deu seus primeiros passos no programa, anunciando que seu estilo de *drag* era completamente exagerado, como uma alucinação causada por drogas, mas sem as drogas, enquanto as outras competidoras apenas a observavam com expressões um pouco surpresas. Acid Betty impressionou bastante os jurados com sua criatividade e concepção de *looks*, desde o primeiro desafio, no qual elas precisavam compor um *look* que foi feito em algum desafio de temporadas passadas, sendo o dela o “*Make That Money*” que consistia em criar uma roupa feita apenas com dinheiro falso.

Nos desafios seguintes, ela continuou a inserir sua própria personalidade nos *looks* que precisava criar, incluindo elementos inusitados ou criativos em suas composições, como desenhos corporais em seu *look* para “*Movie Premiere Realness*”, ou uma espécie de tapa olho feito de cristais. Seu *look* mais *over the top* foi o que ela criou para o desafio de “*Neon Realness*”, no qual ela virou uma espécie de criatura marinha, com barbatanas em seu rosto e o corpo todo pintado. Apesar de ser elogiada por sua criatividade, os juízes também afirmavam que gostariam de vê-la em um *look*

mais voltado para o *glamour*, algo clássico de alguma forma. No episódio 5, cujo tema do desfile foi “*Night of a Thousand Madonnas*”, ela fez uma recriação do *look* “*Bedtime Stories*”, no qual Madonna exibia uma grande barriga grávida da qual voavam pombas brancas. Apesar de ter sido uma das únicas originais na construção do *look*, apostando no conceito lúdico original, Acid Betty acabou sendo eliminada.

Na nona temporada, Sasha Velour faz uma entrada memorável: desfilando na *workroom*, toda vestida de preto, com luvas até os cotovelos, sem peruca, usando uma coroa em sua cabeça e óculos redondos, além de uma maquiagem marcante com sobancelhas desenhadas de forma não tradicional e um batom vermelho cintilante; caminha até certo ponto da sala, abre os braços e solta um longo grito agudo, fazendo com que todas as competidoras presentes ficassem apenas se perguntando “o que está acontecendo?”. E ela seguiu impressionando durante a temporada, trazendo *looks* com conceitos criativos e, muitas vezes, ligadas à performance da arte contemporânea em si, por trás de cada um deles, além de trabalhar a estética *genderfuck*¹³ sempre integrando sua careca à montagem. No desafio em que elas deveriam criar uma personagem de contos de fadas, Sasha incluiu uma gaiola de pássaros em sua cabeça; quando deveriam criar um *look* inspirado na sexualidade, ela criou um conceito para seu desfile, carregando um castiçal; para o visual utilizando pelos falsos de animais, ela entrou na passarela vestida com uma clássica roupa russa, dançando um tema de folclore russo; para o desafio chamado “*Big Hair Everywhere*”, Sasha pensou de forma diferente do restante, e em vez de usar uma grande peruca, ou um cabelo volumoso, manteve sua cabeça raspada à mostra e usou um moicano alongado; e na grande final, quando competia pelo posto de campeã, ela desenvolveu dois conceitos criativos para os *lipsyncs* que participou: para o primeiro, da música *So Emotional*, ela usava luvas até os cotovelos, que retirou durante a performance e revelou que estavam ocultando pétalas de rosas, que caíam de seus braços. Ao final da música, ela retirou sua peruca, que também estava ocultando rosas, que caíram em cascata sobre seu rosto, fazendo uma analogia à música e ao fato de Sasha ser uma *bald queen*¹⁴, em homenagem à batalha de sua mãe contra o câncer.

¹³ Baseado na ideia de “nem um, nem outro” gênero ou múltiplos gêneros.

¹⁴ Rainha careca, em tradução livre, é o nome usado para designar *drags* que não costumam usar perucas.

Para o *lipsync* final, Sasha entrou com o rosto todo coberto por uma máscara e, ao início da música, retirou apenas a parte que cobria sua boca, deixando seus lábios à mostra - alguns afirmam que foi uma forma de alfinetar Valentina, uma competidora que foi eliminada por querer usar uma máscara em sua boca para encobrir o fato que ela não sabia a letra da música - e ao final revelou o restante de seu rosto, conquistando o título de campeã desta temporada.

Através desta análise das competidoras em diferentes temporadas, podemos ver como a visão das *drags* mal interpretadas foi sendo construída com o passar do tempo. O que antes era motivo para críticas severas, acabou por se tornar parte do programa. Como por exemplo, a questão da barba, utilizada por Milk na sexta temporada, que causou tantas críticas e julgamentos por parte de júri e de outras participantes, tornou-se um desafio na temporada seguinte, com RuPaul criando o desafio “*Bearded and Beautiful*”, no qual as *queens* deveriam produzir um *look* contendo barba.

Cada *drag queen* mencionada nesta análise possuía uma forma de representação própria de sua identidade. Sharon Needles possuía a questão do apego ao estranho, ao assustador; Milk gostava de se destacar por ser diferente e não glamurosa; Max se identificava com o estilo retrô e usava seu cabelo como marca registrada; Acid Betty prezava pela criatividade e por mostrar que não era básica de forma nenhuma; e Sasha construía seus *looks* com muito significado e conceitos artísticos maiores do que apenas "estar bonita". E desde suas participações no programa, muitas delas já mudaram a forma que se veem e se representam, pois entenderam que podem continuar fieis ao seu estilo ou conceito artístico de *drag* sem estar representando-o sempre, além do fato de que a questão da identidade é muito maior do que a que percebemos. Temos a visão errônea de que a identidade é algo engessado, imutável, quando na verdade ela está em um processo de construção constante, muitas vezes até inconsciente por parte dos indivíduos (Hall, 2005).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall, 2005)

“Go back to the Party City”¹⁵: a *drag* mal interpretada e injustiçada

Ainda que representativas em número, quase nenhuma gerou impacto no programa, ou, se chegaram a fazê-lo, foi evidenciado o aspecto ruim de sua participação, criticando seu estilo de *drag* enquanto estranho ou tendo sua passagem reduzida à “lembra quando aquela *drag* se vestiu feito homem em *RuPaul’s Drag Race?*”. Acreditamos que a não valorização de um estilo de *drag* espontâneo e comprometido com um conceito e um discurso de forte personalidade, é um desperdício. Enquanto público, buscamos focar no entretenimento do programa reduzido a mero produto televisivo, mas não enxergamos que muito da prática *drag* pode ser interpelado em nossa sociedade através das práticas sociais, onde o diferente é considerado estranho e digno de julgamento de valores, muitas vezes baseado apenas em questões pessoais e sem aprofundamento de verdade.

Ao invés da performance *queer*, de misturar as normas de gênero que ilustra que o indivíduo não é isso e nem aquilo, mas ambos, nós vemos que a forma de *drag* que é recompensada [em RPDR] é meramente uma reafirmação da performance de gênero que prescrever o formato e a forma como as *queens* se parecem e se comportam. (Edgar, 2011, tradução nossa).

Mesmo sendo a primeira ganhadora e, para nós, o marco zero do desenvolvimento da *drag* mal interpretada em *RuPaul’s Drag Race*, Sharon Needles não representa uma verdadeira aceitação do estilo diverso de *drag*, mas sim um reconhecimento de esforço e a abertura de portas para novidades dentro do *reality*, uma vez que muitos fãs acreditavam que Chad Michaels acabaria levando a coroa devido ao seu reconhecimento mesmo antes do programa e seu incrível desempenho na temporada. Fato interessante é a estreia do formato *All Stars* logo após a quarta temporada, trazendo Chad Michaels entre os nomes de elenco, levantando a suspeita de que Sharon apenas ganhara a quarta temporada em uma estratégia de marketing, para que RuPaul trouxesse a favorita dos fãs (Chad) para alavancar o seu novo lançamento.

¹⁵ Frase dita por PhiPhi O’Hara durante a briga com Sharon Needles, na quarta temporada. A partir dessa discussão surge a frase dita por Sharon que dá título ao artigo. Em tradução livre, “volte para a cidade das aberrações”.

Apesar disso, é de se reconhecer que Needle “representa o triunfo sobre a adversidade” e “a ‘fabulosidade’ não tradicional - de glitter e glamour e atitudes exageradas -, mas da exposição pura e desenfreada de genialidade”. (Goodman, 2012).

Sendo assim, de Sharon em diante, tivemos as *drags* aqui analisadas enquanto oportunas lembranças ao público da diversidade de se fazer *drag*, sempre abrindo mais e mais espaço dentre as *fishy* e as *camp*, mas nunca ganhando destaque suficiente para chegar sequer ao cargo de favorita dos fãs. A estranheza e o diferente ainda assustavam o telespectador; inclusive, assumir torcida a favor dessas *drags* vinha acompanhado de discursos sobre o não entendimento da prática *drag* e do que é “*drag* de verdade”.

Não é incomum nos depararmos com a afirmação de que o estilo de *drag* das participantes supracitadas é ruim, o que nos coloca a pensar sobre a afirmação de fato. Ainda que não possuam grandes vivências dentro das suas respectivas temporadas - ou mesmo chamam atenção pós sua participação em *RuPaul's Drag Race*¹⁶ -, é fato que seu estilo de *drag* é instigante a ponto de fazer com que o próprio programa “dê o braço a torcer”, em uma tentativa de realizar *mea culpa*, trazendo para o foco elementos que antes haviam sido categorizados pelo público e, especificamente, pelos jurados, enquanto ruins, estranhos ou discrepantes, tal como a presença da barba e/ou de um espectro *genderfuck*.

Ou seja, a colocação da *drag* mal interpretada no nicho do ruim, reverbera os conceitos de Sontag e Bourdieu a respeito do gosto pessoal. A primeira diz que “defender a faculdade do gosto equivale defender a si mesmo, pois o gosto rege toda reação humana livre” (Sontag, 1987), ou seja, colocar algo em lugar de negatividade só é útil para glorificar algo que se coloca em lugar de positividade, numa espécie de defesa pessoal do bom gosto de cada um. Além disso, ela diz que o *camp*, amplamente ligado à cultura *drag* como já citado anteriormente, “afirma que o bom gosto não é simplesmente bom gosto; que existe, em realidade, um bom gosto do mau gosto” (Sontag, 1987), algo como uma seleção do que pode soar de melhor dentre aquilo que é ruim. Já ele nos dá a ideia de gosto como noção pessoal construída a partir do contato com capitais de cultura, econômicos, sociais, etc. (Bourdieu, 2007). Isso quer dizer que

¹⁶ Com exceção das ganhadoras de suas respectivas temporadas, Sharon Needles e Sasha Velour.

a escolha do bom e do ruim perpassa uma série histórica de elementos e que pode ou não ser semelhante ao de seus pares sociais.

Por acreditarmos na construção de identidade enquanto sujeitos pós-modernos tal como Hall (2005) sugere, a ressignificação de estilos *drag* se faz necessária e se mostra de maneira clara quando vemos a mudança na persona *drag* a partir do contato que elas possuem com esses outros estilos que atravessam. Phi Phi O'Hara, por exemplo, como pôde ser visto na segunda edição do *All Stars*, não mais se aproxima da estética *showgirl* pela qual ficou conhecida na quarta temporada da competição e se aproxima de uma estética relacionada ao *cosplay* e construção de personagens. Isso comprova a afetação atribuída aos sujeitos e aos encontros dos quais podemos absorver sempre mais, afinal, somos seres em construção e, mesmo a escolha de um estilo de maquiagem diferente, modifica uma persona *drag*.

Conclusão

É necessário ter a percepção de que *RuPaul's Drag Race* não é só um programa de *reality TV* que busca entreter um público jovem, mas que também traz à tona diálogos sobre as expressões de gênero e de sexualidade, além da quebra de padrões sociais estéticos e físicos; e entender a importância de sua existência enquanto produto globalizado em tempos de cassação de direitos dos LGBTQ e censura à movimentos sociais, é necessária e deve transparecer inclusive na aceitação das diferenças, de forma a unir o discurso e a prática tanto do programa, quanto dos fãs e também da *drag* persona de RuPaul.

Da mesma forma, percebemos que a *drag* mal interpretada surge da vontade de mostrar ao mundo uma identidade própria e buscar a validação da mesma por parte do júri, do público e do restante da comunidade *drag* que, como qualquer outro grupo social, possui disputas simbólicas e regras, mesmo que não consolidadas oficialmente de forma aberta, e que é sujeita à pré-conceitos e julgamentos superficiais.

Entendemos que a identidade é algo fragmentado, construído com o passar do tempo e a partir das experiências de cada indivíduo; e em constante mudança, visto que as pessoas estão sempre se submetendo a novas vivências, que deixarão sua marca em

cada um. Por isso, mudar de opinião quanto a um estilo, visão ou ideia não é algo que deve ser encarado de maneira negativa, pois da mesma forma que as *drags* mal interpretadas durante o programa ampliaram sua percepção de identidade após suas participações na competição, o público, o júri e a comunidade *drag* já tem uma maior aceitação delas.

Seguindo um discurso de “se não pode com eles, junte-se a eles”, concluímos que RuPaul busca ressignificar o valor de ruim ou bom de um estilo de *drag* a partir do seu próprio juízo padronizado e normativo, fazendo com que os mais diversos elementos, tidos como estranhos ou reprovativos, se tornem mais polidos e adequados ao universo do programa, quebrando com ideias tradicionais trazidas pelas participantes e, dissimuladamente, pelo programa em si - o “isso não é *drag*” se torna, aos poucos, a clareza do entendimento de que “a *drag* tudo pode”. No final das contas, “*drag* é o futuro da *drag*” (Visage, 2017, *tradução nossa*).

Referências

ABGLT. **Manual de comunicação LGBT**, 2015. Disponível em: <<http://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Manual-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o-LGBT.pdf>>. Acesso em 07 de agosto de 2017

BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP, 2007.

CASTELLANO, M.; MACHADO, H.L. “Please, come to Brazil!”: as práticas dos fãs brasileiros do reality show *RuPaul’s Drag Race*. **Rumores**, n. 21, vol. 11, 2017, p. 25-48.

EDGAR, E.-A. “Xtravaganza!”: *drag* representation and articulation in “RuPaul’s *Drag Race*”. **Studies in popular culture**, New York, v. 34, n. 1, p. 133-146, 2011.

GOODMAN, E. RuPaul’s *Drag* race and the future of *drag*. **Thought catalog**. 2012. Disponível em: <<https://thoughtcatalog.com/elyssa-goodman/2012/04/rupauls-drag-race-and-the-future-of-drag/>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JULIAN. RuPaul's *Drag* race season 6, Episode 5 Recap- "Snatch Game". **Some guy has spoken**. 2014. Disponível em:

<<https://someguyhasspoken.wordpress.com/2014/03/27/rupauls-drag-race-season-6-episode-5-recap-snatch-game/>>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

NEEDLES, S. "Well, they can think all they want"; "There's a million kinds of *drag*, and it's not just being a fishy, annoying girl." *In*: RuPocalypse Now, **LOGO Tv**, 30 de janeiro de 2012. 1º Episódio. 4ª Temporada.

SIMMONS, N. Speaking like a *Queen* in RuPaul's *drag* race: toward a speech code of American *drag queens*. **Sexuality & culture**. Springer US, 2014.

SONTAG, S. Notas sobre o camp. *In*: **Contra a interpretação**. Porto Alegre: L&PM, 1987. p. 318-337.

VISAGE, M. Watcha Packin' with Michelle Visage & Winner Sasha Velour | RuPaul's *drag* race (Season 9 finale). Canal **Logo**, 2 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EM1IAKsC4DE>>. Acesso em 08 de agosto de 2017.